

O DOMINGO

SEMÁNARIO - POPULAR

DIRECTORES - ALGUNS JOVENS SEM LETTRAS

COLLABORADORES - Todos os Exc.^{mos} Snrs. e Senhoras, que o honrarem com seus escriptos

1.^o ANNO

ASSIGNATURA—Em Braga, mez, 60 rs.—pelo
correio 80 rs.
ANNUNCIOS—Linha 40 rs.—Repetição 20.
Os snrs. assignantes tem 30 p. c. d'abatimento.

ADMINISTRAÇÃO—Largo de S. Francisco n.º 9,
para onde deve ser dirigida toda a correspon-
dencia.

12.^o Numero

D. Fernando

Deixou d'existir o rei *D. Fernando*, pae do soberano entre nós existente, o rei *D. Luiz I.*

Baixou *D. Fernando* á campa com os sacramentos da Igreja, como catholico submisso a *Roma*.

Apezar de flagellado por doença incuravel—e que deixava presagiar o desenlace fatal d'agora—surpreendeu a Lisboa, e ao paiz inteiro, o rapido fallecimento de *D. Fernando*.

No dia 15—ás 2 horas e 8 minutos da tarde—deixou-nos para sempre *D. Fernando Augusto Saxe-Coburgo-Gotha*, filho mais velho do duque *Fernando Jorge Augusto* e da duquesa *D. Maria Antonia Gabriella*.

Tinha nascido a 29 d'Outubro de 1816; e falleceu consequentemente com 69 annos completos d'idade.

* * *

Em 1 de Janeiro de 1836—nove mezes depois do fallecimento do principe *D. Augusto*, primeiro marido da rainha *D. Maria II*—casou *D. Fernando* por procuração com esta monarcha nossa, e a 9 do Abril immediato em pessoa na Sé Lisbonense e enviuvou d'ella a 15 de Novembro de 1853, ficando desde então regente do reino durante a menoridade de *D. Pedro V*, até 16 de Novembro de 1855.

* * *

Entregue desde então á vida particular, consagrou-se *D. Fernando* ao cultivo das bellas-artes, com dedicação fervorosa d'amador illustradissimo:—e n'esta nobre qualidade favoreceu *D. Fernando* dadivosamente, fóra do paiz, a não poucos alumnos de genio saliente, com gloria para elles e para este paiz, que por nova patria sua adoptára o real fallecido.

Sem ambições pessoas de qualidade alguma—e com desinteresse modelado na especie—a duas coroas regeitou *D. Fernando*, offerecidas ambas com insistencia e persistencia, por duas nações importantes da Europa.

Foram a coroa do reino da *Grecia* e a coroa do reino da *Hispanha*.

* * *



EL-REI D. FERNANDO

Não ha no paiz hoje, quem não chore e lamente a morte do rei *D. Fernando*—endereçando preces ao Altissimo pela paz eterna da sua alma de bondade, e do coração de erenças fervorosas, como no seu fallecimento acaba de mostrar agora.

A REDACÇÃO.

O cordão sanitario e um appello ao Governo

Não somos ninguem para chegarmos até ás altas sumidades governativas; no entanto aligura-se-nos de tanto alcance o assumpto de que nos vamos occupar n'este artigo, que não podemos deixar de chamar para elle toda a attenção do governo e simultaneamente a dos nossos estimaveis collegas da imprensa. Referimo-nos á existencia ainda do cordão sanitario nas fronteiras portuguezas.

Nós estamos em meio de uma estação frigidissima, na qual é evidente que só abundam as neves, as chuvas torrencias e as mais rijas tempestades. Está sobejamente provado, que estes tres elementos são os meios mais salutaes para desviar do meio dos povos toda e qualquer epidemia, já porque n'esta quadra não existem esses calores tropicaes do estio, que confeccionam, fomentam e propagam os miasmas putridos e prejudiciaes á saude publica, já mesmo porque as grandes chuvas e as tempestades, limpam todos os focos de infecção que possam haver; purificam o ar atmospherico que é propriamente a nossa vida, proporcionando-nos d'este modo a melhor das cousas d'este

mundo que é necessariamente a saude. Parece-nos portanto que podemos estar bem seguros de que a epidemia colerica que durante o verão passado tantas victimas occasionou em a nossa vizinha *Hispanha*, já deixou de existir ou pelo menos ficará estacionada até á volta do maior calor. E se nós no meio das cidades, confortados com todos os agasalhos possiveis nos queixamos ainda do rigor do frio, que acontecerá aos nossos irmãos d'armas que estacionam em nossas fronteiras principalmente pelo lado do

norte onde até no verão a vida se torna impossível pelo seu estado frigidissimo?

O telegrapho já deixou de annunciar casos de colera e a imprensa faz o mesmo, e tanto em Hespanha como aqui em Portugal, já se tem feito manifestações de agradecimento ao ceo por ter cessado esse flagello e nos ter preservado de sua acção destruidora; por tanto que nos resta? assistir d'ora avante a narrações como as que em seguida apresentamos ou mandar retirar o cordão sanitario. *Atenção:* na ultima quinzena de novembro, existiam no cordão de Valença 842 praças, baixaram aos hospitaes 20. No de Melgaço, 653 praças, adoeceram 24. No de Lindoso, 277 praças, adoeceram 14. No de Villar de Perdizes, 838, adoeceram 8. Na linha esquerda de Bragança, 1:110, adoeceram 15. Na linha direita de Bragança, 575 praças, adoeceram 34.

Nós já não fallamos dos gastos extraordinarios que o cordão nos vae continuando a fazer, pois que a isso nos podem objectar que mais interesses o governo auferê nas differentes alfandegas do extremo, o que não cremos: pois o contrabando ha de existir apesar do cordão, e se da maior vigilancia é que depende o maximo rendimento das alfandegas, melhem-se as condições de seus guardas ou acabem com este corpo de uma vez. O que pedimos e o que é conveniente é que poupemos a vida a dezenas de nossos irmãos que por rasões injustificaveis lá vão teritando de frio e adoecendo de dia para dia. E agora principalmente que nos aproximamos de festas por todas as familias tão apreciadas, é necessario que se não lance no seio de muitos lares a dôr e a desesperação pela ausencia em tão duras condições de muitos filhos. E' isto o que pedimos ao governo de sua real magestade em nome de dois direitos mais sagrados quaes são: a caridade e fraternidade.

D. Affonso Henriques

(ESBOÇO MORAL)

(Continuado do n.º antecedente)

O Sr. Oliveira Martins (1) dedica duas paginas a Affonso Henriques, onde n'uma serie de adjectivos e phrases bem trabalhadas, umas favoraveis outras desfavoraveis, esboça o seu caracter moral.

Relativamente aos dotes do coração, os primeiros que se destacam no homem, diz o laureado escriptor que nem sentimentos de familia, nem odios

(1) Historia de Portugal tom. I pag. 66 a 68 3.ª edição.

personas, nem vinganças estupendas o preocupavam. Dá-lhe mais o defeito da altivez do coração—diz que gostava de ser adorado. Era secco, astuto, friamente ambicioso, sem chimeras nem illusões. Submisso e humilde quando se achava vencido, subscrevia a todas as condições, aceitava todas as durezas, para logo mentir a todas as promessas, rasgar todos os tractados com uma franqueza ingenua, uma simplicidade natural, que chegavam a espantar a propria Edade-Media.

—*Nos actos da vontade*—era energico, resolve; a sua teima fazia-o semelhante a uma lamina de aço: um instante vergada por um esforço momentaneo, logo estendida e livre, impossivel de manter curvada logo que foi solta. (Era tão confiado de si que, como Scipião Africano, o que elle determinasse, fazer; dava por acabado. (2)

—*Nos actos da intelligencia*, não se revelava a estupidez de muitos dos barões da Edade-Media; a boa direcção que dava aos seus negocios, a sua politica, denotam uma prespicacia afurada O Sr. Oliveira Martins chama-lhe *intelligencia lucida*.

Educação litteraria não tinha, inconveniente commum a todos os principes e cavalheiros de então. (3) O que não admira, porque a Edade Media trocava o brilho das letras pelo brilho das armas. Epocha simplesmente de aventureiros e guerreiros não se conciliava com a vida socegada das eschololas.

As bibliothecas tinham sido arrasadas pelos barbaros como elementos de desmoralisação, e apenas nas ordens religiosas se entesoiravam alguns monumentos da philosophia e da litteratura antigas.

Duarte Nunes de Leão chama-lhe mancebo de altos pensamentos.

Dotes militares tinha-os Affonso Henriques de sobra. Na edade de pouco mais de vinte e um annos era dotado de genio bellicoso e destro nas armas—*Strenuus fuit armis et bellicosus*. (4)

Era audaz, temerario até, pessoalmente bravo, qualidade nem tão commum n'aquelle tempo como a muitos acaso pareça.

«Viveu sempre entre o estrondo das armas; e podemos dizer que não largou a espada da mão no dilatado espaço da sua vida, nem a empunhou sem damno dos inimigos». (5)

(Continua)

Braulio Caldas.

(2) Duarte Nunes de Leão—obr. cit. pag. 48.
(3) Alexandre Herculano—Historia de Portugal pag. 301.
(4) Luc. Tudens, na Hisp. Illustr. vol. 4.º pag. 106.
(5) Vida dos Reis de Portugal—obr. cit. pag. 21.

O festejo do 1.º de Dezembro no Seminario

Discurso pronunciado pelo terceiranista J. de Marques Lima

MEUS SENHORES:

RELICITO-ME com todos os meus collegas pelos motivos de legitimo contentamento, que inspiram esta nossa solemnidade anniversaria; argumentos estes que representam e lauream os esforços elevados, nobres e sublimes, de iniciativa particular, bem como tambem conglobam n'uma só idéa o complexo de sentimentos e deveres patrioticos. Não cessarei de applaudir freneticamente a concepção suggerida aos meus companheiros, de commemorar-se, festejar-se dia tão solemne, pois que são sempre acolhidas com entusiasmo as manifestações lhanas, que um qualquer gremio consagra á memoria d'aquelles, que com denodada lealdade pugnam pelo brilho e autonomia de sua estremecida patria.

Meus senhores: memorar factos gloriosos, recordar datas inolvidaveis e celebrar acontecimentos estupendos, eis a aureola popular que fulge radiante na frente d'um povo, eis o zenith do aperfeiçoamento de uma nação, eis a synthese completa d'um heroismo prodigioso. Aludo ao facto que festejamos. Essa gloria não é das que se mareiam ao sol da sciencia transcendente, nem das que deixam de scintillar depois de consumido o crysol da alampada da vida d'um heroe, porque se alimenta ella permanentemente nas virtudes d'um coração grande, nobre e aventureiro.

Este lustre immortalizou um vulto extraordinario, qual foi João Pinto Ribeiro, o indefesso conquistador da libertação portugueza, um portuguez digno de tal nome, um portuguez que soube conservar intactas e puras as tradições gloriosas de seus antepassados,—a independencia nacional. Meus senhores: celebra-se hoje um facto estrondoso para Portugal, um evento grandioso que authentica o cunho d'um espirito patriotico e litteralmente portuguez, e que derruba sobranceiro o despotismo e crueldade do Demonio do meio dia, como alcuñavam então o usurpador Castelhano. Portugal, este pequeno e microscopico torrão de terra aos olhos da Europa inteira, Portugal pequenino, viçoso ou como lhe chamou Thomaz Ribeiro, este jardim da Europa á beira-mar plantado, commemora hoje uma das suas mais ingentes glorias, solemnisas os trophes colhidos outr'ora por varões que sellaram com seu valor verdadeiramente heroico e patriotico a carta d'alforria portugueza. Portugal patenteia hoje os seus titulos de nobreza, exhibe os seus pergaminhos, blasona-se, perante os poten-



tados da Europa, dos galardões auferidos n'outro tempo, e com razão pôde proclamar grande e ditoso o dia 1.º de Dezembro de 1640.

(Continúa)

O regimento de caçadores do Porto

V

O capitão Chasko

Continuado do n.º antecedente

UM facto provado que toda a officialidade do regimento de caçadores do Porto, era valente e destemida. Mas, o mais valoroso entre tantos valorosos, era sem duvida o capitão Chasko.

Como se devem lêr n'esta narração historica, alguns actos heroicos practicados por este militar, dedico-lhe, por isso, um capitulo, para que os meus leitores o fiquem conhecendo bem.

Era de origem polaca. Veio com D. Pedro para Portugal, e serviu tambem no 2.º regimento d'infanteria ligeira da rainha.

Foi para Hespanha como tenente no regimento de caçadores do Porto, sendo mais tarde nomeado capitão graduado e depois effectivo por distincção.

Era tão corajoso como recto. A sua rectidão chegava a ser tyrannica.

Era temido por os seus soldados, que o chrisamaram com o alcunha de *Rompe Costas*.

N'um momento de cholera, cortaria com a maior facilidade o peçoço d'aquelle que lh'a provocasse; mas passado que fosse esse momento, parecia ter esquecido, o que não ha muito lhe tivessem feito.

Para mostrar a veracidade do que avanço, vou contar dois factos que se deram entre elle e meu pae, que serviu no regimento de caçadores do Porto durante a guerra d'Hespanha, e a quem eu devo os apontamentos para esta narração.

Meu pae era cabo 2.º da setima companhia do 1.º batalhão, quando Chasko, que ainda era tenente, foi commandar interinamente a mesma companhia.

Meu pae não o conhecia senão pelo alcunha de *Rompe-Costas*, pois assim lhe chamava toda a soldadesca. Um dia o primeiro sargento da companhia, deu-lhe o caderno da ordem e disse: —Mesquita: vá mostrar ao snr. tenente a ordem regimental.

—Meu pae, como não soubesse onde estava aboletado o tenente, informou-se primeiro e foi depois cumprir a ordem recebida.

Chegando á casa que lhe tinham indicado, e vendo um soldado á porta, perguntou-lhe em voz alta:

Está aqui alojado o *Rompe-Costas*? O soldado levantou, o index pa-

ra o alto, indicando que elle estava á janella. Porem meu pae, que o não tinha visto, comprehendeu ter-lhe dito que estava em cima, e por isso, galgou as escadas, muito longe de pensar que tendo o tenente ouvido chamar-lhe *Rompe-Costas*, lhe faria uma recepção bem pouco agradável.

Foi pois com total tranquillidade que entrou na sala, dizendo depois de ter feito a continencia militar:

—Meu tenente, aqui está a ordem.

—Chasko, em lugar de lhe responder, principiou a olhal-o dos pés á cabeça de fôrma tão irada, que meu pae desconfiou logo estar eminentemente uma borrasca, sem que soubesse com certeza a razão porque.

Foi Chasko que lh'a deu a conhecer, quando depois de o mirar á vontade lhe disse:—*Mi*, algum tempo, chamavam *Rompe-Costas*, mas agora, não sou *Rompe-Costas*: sou *Rompe-Cabeças*, e vou já romper a cabeça a você.

(Continúa).

M. C. Mesquita.

LITTERATURA

A-B-C

Eu, se podesse, fizera
Um *a b c* aos meus filhos,
De folhas de primavera,
Com brochura de junquillos.

As seis vogaes, d'assucena,
As consoantes, d'amores,
Algarismos, de verbena,
E pontuação d'outras flores.

E que rico sillabario
Do principio até ao fim,
Como um comprido rosario
De corolas de jasmim!...

E os listões dos nomes, esses,
Em fileiras parallelas,
De papoilas d'entre as messes,
Ou de crâvinas singellas.

Para leitura primeira,
De palavras divididas,
As flores de lorangeira,
Sillabas de margaridas.

E para as frases completas
De leitura mais corrente,
Trechos feitos de violetas,
Ou de trevo rescendente.

E no fim, como remate,
Cinco sentenças moraes,
De rosas d'um branco mate
Dos mais distinctos rosaes...

Eu, se podesse, fizera
Um *a b c* aos meus filhos
De folhas de primavera,
Com brochura de junquillos.

E mandava os meus rapazes
Frequentar a alma da mãe,
Com ponteiras de lilazes,
A aprenderem a ler bem.

Pois as mães para o ensino
Teem o metodo melhor,
E um sistema, que é divino,
—O das prelecções do amor.

E o meu alfabeto fôra,
Tão facil para creanças,
Como a selecta d'aurora
Na leitura das esperanças.

E com que gloria veria
O caminhar, os progressos,
Nas lições de cada dia,
Entre as idas e os regressos!

Nem o sistema laureado
do poeta João de Deus,
Seria mais adoptado
Do que este, dos filhos meus.

Pois letras feitas de flores
Na grande escola do affecto—
Que luz de mais esplendores?
Que mais brilhante alfabeto?

Ah! se podesse fizera
Um *a b c* aos meus filhos,
De folhas de primavera,
Com brochura de junquillos.

Alfredo Campos.

Passa tempo

CHARADA

Rainha sou, e tida por suprema
No mais amavel reino do universo;
Depois de receber a c'roa em verso,
O mesmo Deus mediu melhor diadema. 2

Ora a minha soberba altiva ameaça,
Ora a minha brandura é meigo enleio,
Ora a devastação commigo levo,
Ora namoro os olhos a quem possa. 2

Meu todo aspira adivinaes imperios;
E, sem que ao mundo e aos homens nada peça,
Espheras sobre espheras atravessa,
Para ser um composto de mysterios.

ADVINHAS POPULARES

Mais veloz do que eu ninguem
Sou linda como as estrellas,
Sem ser nau, ando com vellas
De graça todos me têm,
Sou origem das janellas.

CORREIO DAS SALAS

—Fazem hoje annos, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Adelaide Dias e o Exc.^{mo} Sr. Joaquim Pereira Felicio (S. Mamede).

—Amanhã as Exc.^{mas} Snr.^{as} D. Anna Maria (Torrão); D. Izabel Leite da Costa Faria; e D. Bernardina Sampaio Soares Lobo de Freitas.

—No dia 22, as Exc.^{mas} Snr^{as} D. Maria Honorata Freire d'Andrade e D. Julia de Magalhães Queiroz e Mello. E o Snr. Visconde de Villa Nova d'Ourem.

No dia 29 o Snr. Manoel Gonçalves Borlido, de Vianna do Castello.

A redacção do «Domingo», pelo anniversario d'aquellas Damas e Cavalheiros dá

Parabens.

A NOSSA CARTEIRA

Nascimento do Salvador.—Em as noites de 25 e 27 do corrente deve ter lugar no elegante theatrinho da Associação Catholica d'esta cidade, a representação de um drama sacro em 3 actos e 7 quadros, entitulado o nascimento do Salvador.

Como a epocha é propria para estes innocentes recreios é de crer que alli afflue muita gente que de certo passará uma agradável noite. Dizemos que o scenario é de um effeito esplendido e que as canções coros e duetos de que o drama é ornado são lindissimos.

Aos nossos estimados assignantes.—Com o n.º seguinte, que esperamos seja distribuido no mesmo dia de natal, sexta feira 25, completamos o primeiro trimestre da nossa existencia jornalística. Para podermos proseguir na carreira que encetamos, temos necessidade por esta occasião de sabermos quem são os nossos amigos e quaes as forças com que podemos contar para dár começo a 2.º igual espaço de tempo.

Por isso mandamos cobrar toda a importancia em devito até ao fim d'este mez, esperando que havemos de ser bem succedidos. Todas as publicações com gravuras ficam muito caras e demandam muito trabalho, e portanto precisamos ser auxiliados por todos. Tambem com o n.º proximo havemos de distribuir um folheto que temos em nosso poder, por todos os assignantes, de apreciavel e amena leitura, recommendando-se muito por um chistoso reportorio que n'elle se contem. Isto, prova a boa vontade que temos de nos tornar agradecidos aos favores dispensados.

Guimarães.—D'esta nobre cidade não ha novidade alguma de maior importancia com referencia a Braga. Fomos obsequiados com o defensor da sua ideia o 28 de Novembro, jornal bem escripto e diga-se a verdade sem azedume. E' pena que espiritos tão lucidos como devem ser seus redactores não vejam as coisas por outro prisma e se abstenham de ser interpretes de ruins paixões. Pois não vêem suas exc.^{as} que não podem ir para o Porto sem levarem de menos umas cincoenta e tantas freguezias como: Balazar; Santa Christina; Sande; S. Lourenço; Santa Eulalia; Breiteiros; S. Claudio etc., etc., que estão a 6

kilometros de Braga, e que já em altos gritos pedem para que tal não aconteça! Podem obter a criação de um novo districto lá isso podem, podem divorciar-se de nós para irem abraçar outro, isso é contra producente. Do que mais gostamos do 28 de Novembro, foi dizer-se ahi que os odios e paixões dos de Braga foram a consequencia da continua resistencia dos vimaranenses a seus actos. Valha-nos isso.

Caminho de ferro de Guimarães e Chaves.—Do nosso illustre collega de Fafe o *Correio de Fafe* respigamos que se reuniu alli ha dias o pessoal tecnico do caminho de ferro de Guimarães afim de estudarem o meio mais conveniente de fazer seguir a mesma linha até Chaves. Alerta bracaraenses! Cercia da nos seus interesses districtaes, estacionaria em redes de caminhos de ferro e offendida em seus voês de progresso interior, Braga, está morta, não ha que ver.

Sameiro.—Não se tendo realisado a sua junta de irmãos no domingo anterior terá hoje lugar a mesma e ás mesmas horas.

Marquez de Vallada.—Por causa do fallecimento do Snr. D. Fernando não veio aquelle illustre titular a esta cidade como se esperava. Agora talvez não volte sem que se fechem as camaras quer seja como governador civil quer seja como amigo d'esta terra.

Associação Commercial de beneficencia.—Ha dias, tendo-se reunido a Meza e todos os socios d'esta aggremação, para fins e interesses da mesma, não foi aberta a sessão em consequencia do inesperado fallecimento de sua real Magestade o Snr. D. Fernando, resolvendo antes enviar um telegramma á familia real dando-lhe os seus sentidissimos pesames por este acontecimento.

Chegada.—Chega hoje a esta cidade o Exc.^{mo} Snr. Dr. Luiz Maria da Silva Ramos, lente cathedratico da faculdade de Theologia na Universidade de Coimbra, urnamento sublime da tribuna sagrada e um dos vultos mais sympathicos d'esta cidade.

Memoria.—Recebemos uma que muito agradecemos, sobre a officina de S. José, escola d'artes e officios para creanças pobres e abandonadas fundada e dirigida na cidade do Porto, pelo presbytero Sebastião Leite de Vasconcellos, O seu fim justifica a necessidade da sua existencia e a benevolencia com que o publico a tem olhado bem mostra que ella é util á sociedade e do agrado de Deus.

Luto.—E' de dois mezes o que se deve tomar pelo fallecimento de sua Magestade El-Rei o Snr. D. Fernando; sendo um de luto pesado e outro alleviado.

Regresso.—Regressou da Foz, onde se achava a uso de banhos em companhia da sua Exc.^{ma} familia, o Exc.^{mo} Snr. dr. Antonio Brandão Pereira.

Sarau de gala.—Terá lugar no proximo mez de janeiro, o que em beneficio do cofre da Conferencia de S. Vicente de Paulo, se realisará no theatro de S. Geraldo, promovido pelas mais distinctas damas e cavalheiros d'esta cidade.

Aos snrs. editores

A administração do jornal o *Domingo* dá conhecimento a todos os snrs. editores de obras litterarias, que se prontifica a annunciar as mesmas quando lhe seja enviado um exemplar de qualquer obra editada e que não destoe das eideias ou programma do jornal; isto, alem da recepção propria do estylo.

ANNUNCIOS

Comarca de Braga ARREMATACÃO

No dia 3 do proximo mez de janeiro, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal, d'esta comarca, e pelo cartorio do escrivão Gonçalves, se hade proceder á arrematação de uma morada de casas sobradadas, campo junto e uma leira dividida em duas, que fica para o lado do nascente das ditas casas, dividida ou separada por caminho publico e campo junto ás referidas casas, para o lado do poente, denominado do Eido tudo situado no lugar de Sihariz, freguezia de Lomar, d'esta comarca, de prazo, com o laudemio da quarentena, tudo avaliado na quantia de 790\$146 reis. Estas propriedades foram penhoradas aos executados Manoel de Sá Pereira e mulher Isabel Pinto, da dita frèguezia de Lomar, na execução hypothecaria que João Baptista Maia, d'esta cidade lhes promove. Pelo presente são citados quaesquer credores incertos.

Braga, 12 de dezembro de 1885.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

J. M. da Costa.

O Escrivão

Antonio José Gonçalves.

(5)